

SÉRGIO CARDOZO (1858-1933): UM ACADÊMICO DE MEDICINA ABOLICIONISTA E REPUBLICANO

SÉRGIO CARDOZO (1858-1933): A ABOLITIONIST AND REPUBLICAN STUDENT OF MEDICINE

Ronaldo Ribeiro Jacobina

Faculdade de Medicina da Bahia (FMB)-UFBA; Salvador, BA, Brasil

Este trabalho se insere numa pesquisa mais ampla que tem como objetivo destacar os acadêmicos que foram sujeitos na história da primeira escola médica do país, neste momento de comemoração do bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB). Este artigo tem como objetivo específico preservar a memória do estudante de medicina Sérgio Cardozo (SC), um destacado abolicionista e republicano convicto. Ele foi também jornalista, escritor, juiz, farmacêutico e “médico prático”. Utilizou-se de fonte primária para o estudo histórico de sua vida acadêmica, além de entrevista com descendente (bisneta) de Cardozo e levantamento minucioso e análise crítica da hemerografia sobre ele, cheia de contradições e até informações fantasiosas. É descrita a trajetória abolicionista de SC desde o período acadêmico, com destaque para o resgate de um menino escravo que o Barão de Cotegipe, Ministro da Justiça, levava à Corte. O acontecimento levou o aluno a abandonar o curso de medicina no 5º ano, dedicando-se ao jornalismo abolicionista e republicano, tendo se transferido para trabalhar como secretário de redação do jornal de José do Patrocínio no Rio de Janeiro, de quem foi amigo. Escreveu contos, novelas e romance, além de uma memória histórica de Santo Amaro-BA. Retornou a terra natal, Berimbau, nomeado como Juiz Federal. Exerceu no povoado a prática de medicina e farmácia, de modo gratuito. Algumas homenagens, como nome de fórum no município emancipado de Conceição de Jacuípe, de rua no bairro da Liberdade em Salvador e de Prêmio de um núcleo cultural, impedem o esquecimento deste baiano ilustre, exemplo de consciência crítica para os estudantes de medicina. Palavras-chave: Faculdade de Medicina da Bahia, abolicionismo, história do Jornalismo brasileiro.

This paper makes part of a broader research project that focus on scholars who were relevant to the history of the first school of medicine in Brazil, at the time of its second centenary celebrations. The specific objective of this article is to evoke the memory of the medicine student Sérgio Cardozo, a fierce abolitionist and republican. He was also journalist, writer, judge, druggist, and “practical doctor”. Primary sources were used to the historical study of Cardozo’s academic life, beyond interview with his great-granddaughter and minute survey and critical analysis of periodical articles about him, full of contradictions and even fanciful information. Sérgio Cardozo’s abolitionist trajectory is described since the academic period, with prominence for the rescue of a slave boy who the Baron of Cotegipe, Minister of Justice, intended to offer, as a gift, to someone abroad. This quarrel led Cardozo to abandon the course of medicine in the fifth year. He dedicated himself to abolitionist and republican journalism, moving to Rio de Janeiro to work as writing secretary of a newspaper directed by his friend José do Patrocínio. He wrote stories, novels, and romances, beyond a historical memory of Santo Amaro. After Patrocínio’s death, he returned to his homeland, Berimbau, nominated as a Federal Judge, and also exerted pharmacy and “practical medicine”, gratuitously. Some homages, as name of the Forum in Conceição do Jacuípe City, a street in the Liberdade (Liberty) borough in Salvador City, and a prize of a cultural nucleus in Santo Amaro da Purificação City, hinder the forgetfulness of this illustrious Bahian, example of critical conscience for students of medicine.

Key words: College of Medicine of Bahia, abolitionism, history of the Brazilian Journalism.

Este artigo tem como objetivo o de preservar a memória de quem foi esquecido e merece ser lembrado, no caso específico, o estudante de medicina - e também jornalista, escritor, juiz, farmacêutico e “médico prático” - Sérgio Cardozo. Ele foi um dos mais destacados abolicionistas do país e um republicano convicto de primeira hora.

Outro objetivo, que insere este trabalho numa pesquisa mais ampla, é o de destacar os acadêmicos que foram sujeitos na história da primeira escola médica do país, neste momento de comemoração do bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB).

O Acadêmico de Medicina

Sérgio Cardozo Afonso de Carvalho nasceu em 7 de outubro de 1858 na Fazenda Salgado, em Berimbau, no município de Santo Amaro da Purificação, Bahia. Sua mãe se chamava Alexandrina Francisca de Moraes Cardozo e seu pai, um negociante de pedras preciosas das Lavras Diamantinas, José Joaquim Cardozo^(13 29 32).

Ainda criança concluiu os estudos primários e veio para Salvador fazer humanidades, freqüentando os colégios S. João, Pedro II e São Francisco. O jornalista Antônio Loureiro de Souza obteve um documento que comprova sua passagem

Recebido em 18/06/2008

Aceito em 14/11/2008

Endereço para correspondência: Prof. Ronaldo Ribeiro Jacobina. Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho (MSAT)/ Departamento de Medicina Preventiva e Social, da Faculdade de Medicina da Bahia - Universidade Federal da Bahia. Largo do Terreiro de Jesus, Centro Histórico (Pelourinho). CEP: 40025-010. Salvador, Bahia, Brasil. C-elo: jacobina@ufba.br.

Fonte de financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Programa Primeiros Projetos (PPP).

no Colégio São João, que ficava num palacete do bairro da Vitória. Era um recibo datado de 10 de maio de 1870⁽⁶³³⁾, quando Sérgio Cardozo estava para completar 12 anos. Do adolescente com vocação para o curso médico, tem-se uma foto, na qual ficam evidentes os seus traços mestiços (**Figura 1**). Essa identidade étnica foi marcante em sua vida e possivelmente um elemento de identificação com seu companheiro de luta abolicionista, o também mestiço José do Patrocínio.

O jovem Sérgio Cardozo ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) em 1876. Souza⁽³³⁾, que teve acesso ao acervo da família, encontrou entre os documentos guardados um recibo de matrícula referindo-se ao exercício 1876-1877, que equivocadamente o jornalista se refere como sendo do 4º ano.

No Arquivo Geral da FMB-UFBA, encontram-se alguns dos registros de suas matrículas no curso médico. Nos documentos de matrícula do 1º ano, em 7 de março de 1876, estão os certificados de aprovação nos exames preparatórios. Com o conceito “Plenamente”, Sérgio Cardozo Affonso de Carvalho foi aprovado nos exames de Francês, realizado em 1872, de Latim, Inglês, Português e Geografia, em 1873, e de História em 1874⁽¹³⁾.

Há também uma autorização de seu pai, José Joaquim Cardozo, datada de 1º de janeiro de 1876, para que o filho pudesse “*assignar-se d’ora em diante Sergio Cardozo. Co’esse nome poderá elle portanto inscrever-se para fazer os exames que lhe restam, a fim de entrar para o curso médico*”⁽¹³⁾. Os certificados de aprovação nos exames feitos em fevereiro de 1876 - Aritmética, Filosofia, Geometria e Álgebra – estão coerentes com a mudança solicitada, pois se referem ao candidato Sergio Cardozo.

A explicação para este sobrenome (Affonso de Carvalho), que não era nem de origem paterna nem materna, não foi encontrada. O achado é do momento da retirada e a assunção do candidato ao curso médico como Sérgio Cardozo, nome que ficou para a história do abolicionismo e da imprensa no Brasil. Uma curiosidade é que o sobrenome “Afonso de Carvalho” está presente na história da FMB. Alexandre Afonso de Carvalho (1839-1895), formado em 1865, foi Lente de Anatomia Descritiva. Tinha 19 anos quando Sérgio nasceu. Seu filho, José Afonso de Carvalho (1865-1920) foi Lente de Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações. Teve um filho, com o nome do avô, Alexandre Afonso de Carvalho (1893-1928) que foi professor Substituto de Otorrinolaringologia⁽²⁴⁾. Na matrícula tem cópia da certidão de batismo do estudante e constata-se que nenhum Afonso de Carvalho foi padrinho. O padrinho foi Antônio Gonçalves Martins, Juiz de Direito e Nossa Senhora a madrinha. Fica apenas o registro que este sobrenome tinha prestígio no meio médico e na academia e o estudante o recusou como sobrenome.

Nos documentos referentes à 3ª série, em 1878, além do seu pedido de matrícula, no qual ele assinou ‘Sergio Cardozo’, tem um certificado dizendo que “*o Sr. Sergio Cardoso fez exame do segundo curso medico theorico-pratico em 15 de novembro de 1877 e foi aprovado Plenamente*”⁽¹⁴⁾. O curso

Figura 1. Sérgio Cardozo, jovem.



Fonte: Nicsa - Santo Amaro/BA.

na época era seriado (anual) e desde a reforma de 1832 tinha a duração de seis anos. Por alguma razão ele não cursou a 3ª série em 1878 e sim em 1879. Com certeza não foi reprovação, pois ele apresentou em 1879 a sua aprovação na 2ª série em novembro de 1877⁽¹⁵⁾. O motivo poderia ser por doença ou, talvez, pela sua militância no movimento abolicionista. Não temos resposta a esta questão.

Na pasta referente às matrículas de 1880, há o requerimento de Sérgio Cardozo, datado de 8 de março de 1880, que consta já ter sido paga a matrícula e obtido a licença da Congregação para fazer o exame do seu terceiro ano⁽¹⁶⁾, que ele já havia cursado em 1879. No livro de atas da Congregação do período de 1865-1882, há o registro do deferimento da Congregação, na sessão de 3 de março de 1881, ao requerimento de Sérgio Cardozo (*aluno de 4º ano*) para fazer os exames e cursar o 5º ano⁽¹⁷⁾. Desse modo, este achado confirma que ele cursou o quarto ano em 1880. No entanto, foi infrutífero o esforço para obter os exames do 5º ano. Um dado curioso: em um manuscrito - agenda médica do laboratório clínico-farmacêutico de 1913 – do acervo da bisneta Elisa Cardozo Brandão (ECB), ele registra que, em 24 de outubro de 1883, ele obteve a transferência da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para a da Bahia.

Esses registros reforçam o dado obtido nos inúmeros artigos de jornais, segundo os quais o aluno abandonou o curso de Medicina no quinto ano. Alguns desses artigos, sem citar fontes, vinculam esta interrupção da formação médica por Cardozo a um acontecimento relacionado com suas convicções abolicionistas, que será descrito mais adiante.

O abolicionismo esteve presente desde o início da história da FMB, através de vários professores e estudantes. Um dos primeiros professores, Antônio Ferreira França (1771-1848), Lente de Higiene desde 1815, como parlamentar, apresentou o primeiro projeto de lei para a extinção da escravidão, na Câmara de Deputados, em 16 de junho de 1831. O Prof. Jerônimo Sodré Pereira (1839-1909) tem seu compromisso abolicionista registrado em ata da Congregação da Faculdade, na sessão

de 15 de março de 1865. Como deputado, desencadeou na Câmara, em 1879, o processo legislativo que resultou na Lei Áurea⁽²³⁾. Luís Álvares dos Santos (1829-1886), Lente de Matéria Médica e Terapêutica, e Luis Anselmo da Fonseca (1842-1929), Lente de Física e depois de Higiene, foram membros destacados de organização abolicionista, criada na década de 80, como será visto adiante. Merece destaque para os objetivos deste artigo a criação por estudantes de Medicina, em 1853, da *Sociedade 2 de Julho*. Essa entidade é considerada um dos embriões do movimento estudantil no Brasil e foi com ela que surgiu uma imprensa acadêmica⁽²⁷⁾. Uma das lideranças no processo de formação e lutas dessa “Sociedade abolicionista” foi o estudante do 2º ano, José Luís Almeida Couto (1833-1895). Formado, ele foi Lente de Clínica Médica, depois político, tendo sido presidente da Província de São Paulo e Bahia⁽²⁴⁾. Além do trabalho de divulgação das idéias abolicionistas, os militantes dessa associação arrecadavam fundos para alforriar os escravos ou chegavam mesmo a auxiliar a fuga deles. Essa história de luta anterior, referida acima, foi fonte de inspiração para as ações de professores e alunos no período crucial da abolição da escravatura (1879-1888).

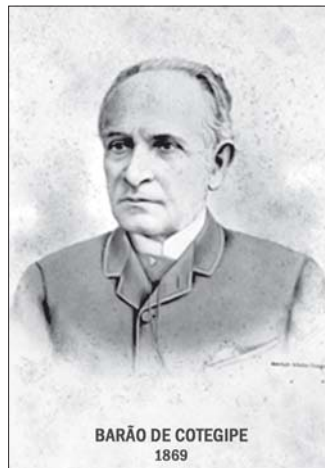
Desde cedo o acadêmico Sérgio Cardozo assumiu a sua identidade afrodescendente, herdada da avó paterna e nunca aceitou a injustiça e brutalidade da escravidão. Desse modo, ainda estudante, ele se engajou na luta abolicionista. Era uma pessoa destemida, pois, segundo Chiacchio⁽⁹⁾, ele andava pelas senzalas do Recôncavo baiano a resgatar escravos ou interceptar o embarque deles. Chegou a inscrever como lema do seu jornal ‘O Mefisto’, lançado em 1883, uma frase subversiva do abolicionista baiano Luís Gama: ‘Todo escravo tem o direito de matar o seu senhor e aquele que não o faz é miserável’^a.

Uma neta de Raulino Cardozo, irmão de Sérgio, afirma num livro de memória familiar que seu bisavô José Joaquim desfez de seus bens pelos ideais abolicionistas, dando o apoio ao filho Sérgio. Diz também que o tio-avô levava escravos para a Fazenda Salgado de propriedade deles, onde D. Alexandrina, mãe de Sérgio, alfabetizava e depois liberava-os⁽²⁶⁾. Muitas vezes, o pai dele pagava as cartas de alforria. Não obtivemos provas diretas que comprovem estas informações de um relato familiar⁽²⁶⁾, em geral glorificador, mas não necessariamente inverídico, e da hemerografia⁽¹²⁸⁾, rica em pistas, mas sempre merecedora de cuidados num trabalho de investigação científica. Num manuscrito do acervo ECB (agenda médica), ele anotou: “*Meu pai tinha 40 escravos até pouco tempo antes de morrer. Deixou ainda 36*”.

Feito o perfil do jovem estudante, descreve-se a seguir o ato ousado que o levou a abandonar o curso médico em sua etapa final. A versão do acontecimento é a seguinte: João Maurício Wanderley (1815-1889)^b, o Barão de Cotegipe (**Figura 2**) - naquele momento, Presidente do Senado, e, logo depois, chefe de Governo (1885-1888) e ministro da Justiça (1887-1888) de Pedro II - pretendia levar para a Corte um ‘moleque escravo’, chamado Lino Caboto. O acadêmico Sérgio Cardozo, com uma audácia pessoal, conseguiu arrebatá-lo ao menino. Cardozo contou com ajuda de amigos, entre os quais Panfilo de Santa Cruz, proprietário e companheiro de redação do jornal *Gazeta da Tarde*, homônimo do jornal de José do Patrocínio no Rio de Janeiro. Eles impediram os saveiristas de levar a bordo do paquete inglês ‘Trent’ o menino e outros escravos.

Este ato de coragem, ocorrido em meados de abril de 1883⁽⁹⁾, tem um grande significado político e ético, pois desmascara um dos sinais da barbárie que era a escravidão, ao reduzir o ser humano a uma coisa, a uma mercadoria, e, no caso, ganha um sentido exponencial. O episódio envolveu uma criança, tratada como um *souvenir* ou um animal de estimação, que

Figura 2. João Maurício Wanderley. (20/10/1815-Barra do Rio Grande-PE - 13/02/1889-RJ). Formado em Direito, fez sua carreira jurídica e política na Bahia. Juiz, Chefe de Polícia, Deputado e Senador vitalício (1856-1889) pela Bahia. Ministro da Fazenda (1856-1857; 1875-1878) e da Justiça (1887-1888), tendo sido presidente do Conselho de Ministros de 1885 a 1888.



Fonte: www.irwanderley.eng.br/Nobiliarquia/BaraoCotegipe/Cotegipe.htm. Acesso em 31 de julho de 2008. Nicsa - Santo Amaro/BA.

^a Luís Gonzaga Pinto da Gama (21/06/1830 – 2/08/1882) Filho de Luísa Mahin, africana liberta, e um fidalgo português, foi vendido pelo pai como escravo, aos 10 anos. Levado ao Rio de Janeiro, depois para São Paulo. Fugiu do senhor que o comprou e trabalhou na força pública e depois como amanuense^(10 32) Alfabetizou-se depois dos 17 anos e com 29 tornou-se escritor e rábula, tendo libertado mais de 500 escravos. Raul Pompéia atribuiu a este grande líder abolicionista a frase: “Perante o direito, é justificável o crime de homicídio perpetrado pelo escravo na pessoa do senhor”⁽¹⁰⁾.

^b João Maurício Wanderley foi presidente da Província da Bahia em 1852, depois Senador vitalício da Bahia a partir de 1856, sendo agraciado com o título de Barão com grandeza de Cotegipe no final da viagem de Pedro II à Bahia, Sergipe e Alagoas, em 1859-60 (Lacombe, 2003, p. 56). Era um escravocrata convicto e comandando o ministério conservador do governo Imperial se opôs à abolição da escravatura. No momento de regência da Princesa Isabel que ocorreu a assinatura da Lei Áurea, o Barão, cujo ministério tinha caído no início de 1888, foi cumprimentá-la e disse uma frase que ficou famosa: ‘Vossa Majestade redimiu uma raça, mas acaba de perder o trono’. A frase se revelou profética⁽³⁾; p. 227).

seria tirada dos cuidados dos pais e levada para um lugar distante deles. Lino Caboto é referido como uma criança, provavelmente com 12 anos ou um pouco mais, pois desde 28 de setembro de 1871 já tinha sido aprovada a Lei do Ventre Livre, e todos os registros consultados o referem como escravo. Criança escrava, infelizmente sim, mas, antes de tudo um ser humano que ia ser transformado pelo Barão, ministro da Justiça de nossa monarquia escravocrata, num presente para um casal de amigos. O Barão de Cotegipe é descrito como um ferrenho conservador, dotado de extraordinária habilidade e perspicácia políticas, que “*negaceava e procrastinava sempre que d. Pedro [II] ou Isabel pretendiam fazer aprovar leis abolicionistas*”⁽⁷⁾ (p. 61).

Este acontecimento envolvendo um estudante de Medicina e uma importante autoridade do Império agitou a opinião pública. O jornal *Gazeta da Tarde* foi cercado pela Polícia e “o moleque reconduzido pelo próprio chefe [de Polícia] das mãos de Sergio Cardozo”⁽⁹⁾ (p. 3). O episódio influiu de modo decisivo na vida do acadêmico, mas ainda carece de provas documentais a tese sustentada por muitos jornalistas, sem fonte, segundo a qual o Barão, para dificultar a vida acadêmica do estudante abolicionista, teria contado com o apoio de professores na Faculdade de Medicina da Bahia, em especial o influente Adriano Alves Lima Gordilho (1830-1892). Lente na cátedra de Partos, que hoje seria Obstetrícia, Adriano Gordilho formou-se em 1851 e recebeu o título de Barão de Itapoã em 1872 (**Figura 3**).

A hemerografia, como já destacamos, é uma fonte rica, mas freqüentemente imprecisa, cheia de contradições e, às vezes, com informações fantasiosas (**Quadro 1**). Há matérias jornalísticas que, em relação ao episódio acima descrito, afirma, sem citar fontes, que houve uma discussão acirrada entre Sérgio Cardozo e o diretor da Faculdade, sem nomeá-lo⁽²⁰⁾ ou de “um grave desentendimento com um dos seus mestres”⁽²⁵⁾(p. 4). Outros artigos relatam o episódio citado acima e referem que o Barão de Itapoã era o diretor da FMB⁽²⁾. Naquele momento, abril de 1883, o diretor era Francisco Rodrigues da Silva^c, que, desde 16 de agosto de 1881, passou a presidir as sessões da Congregação⁽¹⁷⁾, substituindo Antonio Januário de Faria, cujo mandato foi de 1874 a julho de 1881. O mandato de Rodrigues da Silva foi até 1886⁽²⁴⁾.

Não foi obtido nenhum testemunho que explicitasse, de modo circunstanciado, os fatos que resultaram no abandono do curso por parte do aluno. Se o afastamento do curso médico por Cardozo não foi em 1881 e sim, em 1883, após o episódio descrito acima, pode-se deduzir que o Barão de Itapoã usou seu prestígio dentro da Academia para dificultar a vida do acadêmico no curso médico. Uma outra fonte afirma que o episódio com o Barão de Cotegipe custou ao estudante um rumoroso processo, o que levou o pai dele, José Joaquim

Cardozo, um negociante bem sucedido, a gastar grande parte da fortuna nesse embate jurídico⁽²⁵⁾.

Ao contrário de muitas versões jornalísticas^(2,20,28), Sérgio Cardozo não foi formalmente expulso da Faculdade de Medicina da Bahia. Para a tese do abandono por perseguição “de alguns mestres”, e não de expulsão, tem-se inclusive o testemunho dado por Eliza Cardozo Brandão, que ouviu diretamente de sua mãe, Iara Cardozo, criada pelo avô desde a morte do pai, aos 2 anos de idade (Entrevista feita pelo autor em 28 de Novembro de 2007).

Outra constatação é que, ao deixar o curso médico, ele não viajou imediatamente para o Rio de Janeiro, em seu exílio voluntário. Há uma indicação que, em 1888, na aprovação da Lei Áurea, Sérgio Cardozo ainda estava na Bahia, pois Chiacchio⁽⁹⁾ refere que, no momento da vitória da causa libertadora, ele escreveu na *Gazeta da Tarde*, jornal abolicionista baiano, onde também militava o prof. Luis Anselmo da Fonseca, o seguinte texto: “*Temos o justo orgulho de dizer a esta terra, do alto das ameias deste baluarte que não se rendeu na luta, estas palavras que ficarão aqui gravadas como por ‘um buril de fogo sobre uma lâmina de bronze: Lutamos e vencemos!’*” (p. 3).

O Militante Abolicionista

Em 3 de maio de 1884, ele se tornou sócio efetivo da Sociedade Libertadora Baiana. O diploma está no acervo de Elisa Cardozo Brandão (ECB), nele constatamos que o presidente era seu colega da *Gazeta da Tarde*, Pamphilo da Santa Cruz (**Figura 4**).

A Sociedade Libertadora Baiana era uma organização da sociedade civil, fundada em 8 de março de 1883, que congregava os abolicionistas baianos. Chiacchio⁽⁹⁾ registra que Luiz Álvares dos Santos, Catedrático de Terapêutica da FMB, era filiado a essa Sociedade. É possível que outros professores e estudantes abolicionistas da Faculdade também fossem membros. Em novembro de 1882, José do Patrocínio em viagem ao Ceará, um grande reduto abolicionista do país^d, esteve em Salvador e fomentou a criação dessa associação libertária.

Patrocínio foi recebido como herói, sendo carregado do cais ao Hotel Bonneau, onde ficou hospedado. No Liceu de Artes e Ofício fez uma conferência que terminou com um apelo aos participantes para contribuírem pela libertação de uma escrava, cujo filho tinha sido beneficiado com a Lei do Ventre Livre, de 1871⁽²²⁾ (p. 126).

Logo depois de criada a *Sociedade Libertadora Bahiana*, foi fundada no Rio de Janeiro, a Confederação Abolicionista, em 10 de maio de 1883, que buscava reunir as associações abolicionistas de todo o país, tendo João Clapp como presidente. O baiano, radicado no Rio, André Rebouças e

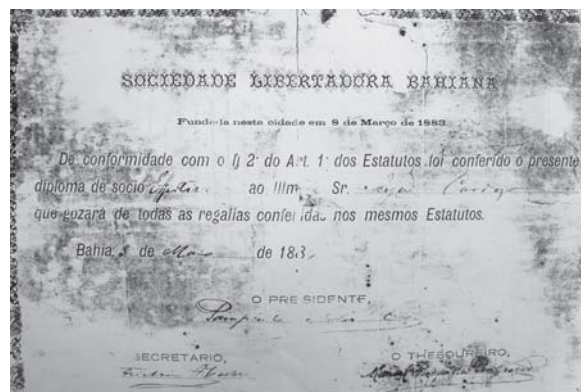
^c A leitura das atas nessa gestão deixa claro o crescente prestígio do Barão de Itapoã na Congregação e, desse modo, na vida cotidiana da Faculdade⁽¹⁷⁾.

^d Para se ter um idéia do abolicionismo cearense, em março de 1884, o presidente do Ceará, Sátiro Dias, com grande apoio da sociedade cearense, extinguiu a escravatura naquela Província⁽³⁰⁾ (p.57). Sátiro de Oliveira Dias, médico e político baiano, foi acadêmico da FMB condecorado na Guerra do Paraguai⁽¹⁹⁾.

Figura 3. Adriano Alves de Lima Gordilho (1830-1892). Barão de Itapoã (1872). Opositor de Cirurgia (1856), lente de Anatomia descritiva (1862) e Lente catedrático de Obstetrícia (1875).



Figura 4. Diploma de Sócio Efetivo para Sérgio Cardozo da Sociedade Libertadora bahiana, fundada em 8 de março de 1883. Ele se tornou sócio a partir de 3 de maio de 1884. Adriano Alves de Lima Gordilho (1830-1892). Barão de Itapoã (1872). Opositor de Cirurgia (1856), lente de Anatomia descritiva (1862) e Lente catedrático de Obstetrícia (1875).



Quadro 1. Erros e equívocos da Hemerografia consultada.

| Ano | Matéria | Autor | Informação Publicada | Informação corrigida |
|------|---|------------|--|--|
| 1969 | No Cartório ⁽⁶⁾ e Resumo biográfico ⁽³³⁾ | Souza AL | Recibo de matrícula do 4º ano de Sérgio Cardozo na FMB em 1876/77 | Matrícula do 1º ano de Sérgio Cardozo na FMB foi em 7/03/1876 e o 2º ano em 1877. |
| 1971 | <i>Tribuna da Bahia</i> ⁽¹²⁾ | - | Paquete francês Trent | Paquete inglês Trent |
| 1973 | Jornalista ⁽²⁰⁾ | - | 1. Sérgio Cardozo discutiu com o Barão de Itapoã, diretor da FMB. 2. Encaminhou o menino escravo para sua família em Santo Amaro. 3. Sérgio Cardozo foi expulso da FMB. | 1. Barão de Itapoã não foi diretor da FMB. 2. O menino estava na sede da <i>Gazeta da Tarde</i> , que foi cercada e Sérgio Cardozo entregou ao chefe de Polícia. 3. Sérgio Cardozo deixou o curso da FMB. |
| 1996 | Baiano ⁽¹⁾ | - | 1. Navio francês Trent 2. Menino escravo Liro Caboto | 1. Pacote inglês Trent 2. Menino escravo Lino Caboto |
| 1996 | Sérgio Cardozo – Santamarense ⁽²⁾ | Berbert JA | 1. Jornal <i>O Capeta</i> 2. Lino Caboto, filhinho de poucos anos. 3. Sérgio Cardozo deu bofetada no Barão de Cotegipe, Ministro da Justiça 4. Sérgio Cardozo levou o escravo para a fazenda dos pais, onde foi criado. 5. Sérgio Cardozo discutiu com o diretor da FMB, Barão de Itapoã, que reuniu a Congregação e expulsou o estudante Sérgio Cardozo . | 1. Jornal <i>O Mefisto</i> 2. Lino Caboto, caso tivesse menos de 12 anos não seria escravo, com a Lei de 1871. 3. Sérgio Cardozo raptou o menino e não teve contato direto com o Barão, na época (1883), Presidente do Senado. Ministro da Justiça em 1887-88. 4. O menino estava na sede da <i>Gazeta da Tarde</i> , que foi cercada e Sérgio Cardozo entregou o escravo ao chefe de Polícia. 5. O Barão de Itapoã foi influente na FMB, mas nunca diretor. Sérgio Cardozo não foi formalmente expulso. Várias fontes confirmam que sofreu pressões para deixar o curso. |
| 2002 | Memória: Dom Quixote do Recôncavo ⁽²⁸⁾ | Santana A | 1. Avô de Sérgio Cardozo escapou do cativeiro graças a lei do Ventre Livre. 2. Barão de Itapoã, diretor da FMB, expulsou Sérgio Cardozo . | 1. A Lei do Ventre Livre foi de 1871. O próprio Sérgio Cardozo nasceu em 1858, tinha quase 23 anos em 1871. 2. O Barão não foi diretor da FMB. Sérgio Cardozo deixou o curso. |

José do Patrocínio eram os responsáveis pela elaboração de seus manifestos, tendo como apoio a redação da *Gazeta da Tarde*⁽¹⁸⁾.

O jovem abolicionista Sérgio Cardozo fez a oitava conferência abolicionista da Sociedade Libertadora Bahiana, que teve José do Patrocínio como o primeiro convidado dessa série de palestras da entidade, em geral pagas para ajudar na compra de cartas de alforria. Segundo a memória familiar, ele estava “com muito nervosismo por falar em público” (Entrevista com bisneta Elisa Cardozo Brandão). Em manuscrito o abolicionista registra ter feito a 8ª conferência da Libertadora em 8 de maio de 1883, um ano antes de sua filiação. É possível que ele tenha sido convidado pelo seu ato audacioso em abril do mesmo ano. Ou foi logo após sua filiação em 1884, e ele errou em suas memórias de 1913. O importante é que o documento confirma sua atuação como protagonista na luta dessa sociedade abolicionista.

Cardozo foi o companheiro inseparável de Patrocínio na Bahia, criando entre ambos um forte vínculo de amizade⁽⁹⁾. Essa amizade teve uma importância muito grande na vida de Sérgio Cardozo, pois, com o acontecimento já descrito, muitas portas se fecharam para ele na Bahia. Desse modo, ele encontrou no Rio de Janeiro, já então capital da República, um aliado de muito prestígio que lutaram juntos no abolicionismo e estavam juntos na defesa de uma república civil e democrática.

Esse vínculo de Cardozo com o “Marechal Negro” pode ser demonstrado ainda no período abolicionista, quando Patrocínio retornou de sua viagem à Europa, em 1884. Muitos escravistas ficaram irritados com a fama do líder abolicionista. A *Gazeta da Tarde* carioca reproduziu uma reportagem da homônima baiana, cujo redator era Sérgio Cardozo, que denunciava um plano de fazendeiros do interior da Província. Eles teriam assalariados dois homens para assassinar Patrocínio. O artigo baiano foi transcrito e, no estilo retórico e agitador, provavelmente escrito por Cardozo, dizia:

“*Matem a José do Patrocínio, senhores fazendeiros. Conosco se levantarão os que ainda não falaram. Tomem sentido. Nós não queremos ser o morrão, preferimos ser a pólvora. Matem José do Patrocínio e verão*” (in Magalhães⁽²²⁾, p. 161)

A *Gazeta* carioca agradeceu a denúncia do jornal baiano e afirmou que, ameaças reais ou fanfarronadas do ‘feudalismo nacional’, não intimidariam Patrocínio, pois ele não deixaria de pugnar pela causa ‘sagrada’ dos escravos⁽²²⁾.

O Tigre da Abolição

José do Patrocínio (1853-1905) foi chamado de “o tigre da abolição” (Figura 5). Filho de um padre com uma escrava, ele encerrava em si a contradição da escravatura. Nasceu em Campos - RJ, e logo se mudou para a sede do império. Foi pedreiro e, com seu próprio dinheiro, formou-se em farmácia. Não demorou muito para descobrir sua verdadeira vocação: a de jornalista. Primeiro, com um jornal satírico ‘Os Ferrões’,

Figura 5. José do Patrocínio (8/10/1854 - 30/01/1905).



depois fundou um diário, o ‘Gazeta da Tarde’. Em maio de 1883, como referido acima, Patrocínio participou da formação, junto com João Clapp e o engenheiro negro André Rebouças, de uma confederação unindo todas as entidades abolicionistas do país⁽³⁾. Provavelmente, não foi por acaso que o jovem Sérgio Cardozo, fora do curso médico, se filiou à *Sociedade Libertadora Bahiana*, em maio de 1884.

Em 1887, Patrocínio criou um novo jornal *A Cidade do Rio*, abolicionista. Em abril de 1888, ele se tornou um monarquista, abdicando de seus princípios republicanos⁽¹⁰⁾, chegando a ser acusado de estimular a formação da Guarda Negra, um bando de ex-escravos que agiam com violência nos comícios republicanos. A historiografia consultada refere este vínculo e uma parcela confirma esta acusação. No ano seguinte, ele aderiu novamente ao movimento republicano.

Com a renúncia de Deodoro, marechal Floriano Peixoto assumiu o poder e o jornalista transformou o *Cidade do Rio* num órgão de oposição ao regime autoritário. Em 1892, com o estado de sítio do ‘Marechal de Ferro’, vários políticos e jornalistas foram perseguidos pela polícia e, entre outros, como o baiano JJ Seabra, Patrocínio foi preso e desterrado para Cucuí, no alto Rio Negro, Amazonas. No ano seguinte, ao voltar do exílio Patrocínio continuou criticando o ‘Marechal’^(3,22). Seu jornal foi interdito por ter publicado um manifesto do comandante da esquadra sublevada durante a “Revolta da Armada”, como era denominada a Marinha na época, onde predominava os comandantes monarquistas, como Saldanha da Gama e Custódio de Melo, que tentaram depor Floriano Peixoto. A revolta durou de setembro de 1893 a março de 1894.

Com a morte do Marechal, em junho de 1895, não morreu o florianismo, que Patrocínio continuou a combater, pois, com o fim do estado de sítio, seu jornal voltou a circular por um período de quase oito anos (1895-1902). Foi em grande parte desse período (1896-1900), que se destacou a figura de Sérgio Cardozo, como Secretário de Redação do jornal de Patrocínio, conforme a análise feita das correspondências guardadas pela família (acervo ECB) e citadas nas diversas reportagens encontradas no Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro (NICSA).

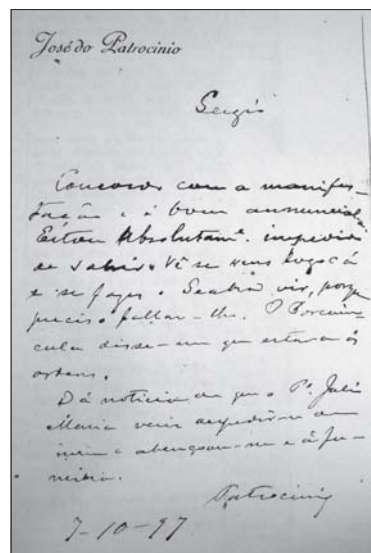
O Jornalista Sérgio Cardozo na Capital da República

Numa folha avulsa manuscrita, presente no acervo de EBC, Cardozo destacava em sua atuação como jornalista, a luta abolicionista na *Gazeta da Tarde* da Bahia, ao lado de Panfilo, dono do jornal, e os Drs. Frederico Lisboa e Luiz Álvares dos Santos. Após 13 de maio, ele deixou o jornal, porque “*por um sentimento de gratidão à princeza imperial, o seu proprietário deu-lhe um feição monarchista*”. Ainda no mesmo manuscrito, registrou que passou a escrever no ‘Jornal do Comércio’ de Salvador, até que, em 1890, transferiu-se com sua esposa, Elisa^e, para o Rio de Janeiro, levando os dois filhos Elderico e Elizette, embora Pastora refira que o casal teve os dois filhos no Rio⁽²⁶⁾. Nos últimos anos da luta abolicionista e nos primeiros anos da República, Cardozo se dedicou às atividades de imprensa.

Ao chegar na capital federal, trabalhou em vários jornais, como *Diário do Comércio*, no qual foi secretário de redação, *Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias*, *A Democracia* e, principalmente, o jornal abolicionista de Patrocínio, *A Cidade do Rio*. Nele também foi secretário de redação e tinha seu nome no cabeçalho do jornal, ao lado de Olavo Bilac⁽⁹⁾. Há no NICSA, um exemplar do jornal que confirma esta informação. Nessa função, ele recebia inúmeros bilhetes e cartas dos seus colegas de redação como Olavo Bilac, Coelho Neto, Paula Ney e, sobretudo, Patrocínio (**Figura 6**). Era pedido de publicação de matéria (“Sérgio – Peça-te que publiques o artigo. Sempre teu, Olavo Bilac”); “Amigo Sérgio – Peça-te, com vivo empenho, que publiques esta carta de El Gordito na seção Tauramaquia. Interesse-me vivamente por isso. Será um grande feito ao seu amigo e colega, admirador, Olavo Bilac”), apresentando alguém de prestígio de interesse jornalístico (“Coelho Neto apresenta ao amigo e colega Sérgio Cardozo um industrial brasileiro. A ‘Água de Melissa’ por ele preparada, (...) pode concorrer com as melhores que nos chegam do estrangeiro. Pedindo a proteção justa para o trabalhador patricio, agradece penhorado. 22.1.98”), ou pessoal, como a extensa carta do poeta e jornalista Paula Ney⁽⁶⁾. Há um bilhete importante e de um período mais precoce no Rio: “Ao Sergio Cardozo, Carlos Gomes visita e agradece vivamente e à ilustrada Redação do Diário do Comércio, 18/9/1891”⁽²⁰⁾ (p. 9). Estes bilhetes servem para mostrar o poder e prestígio que tinha um secretário de redação de jornal com leitores.

Dessa intensa correspondência, merecem destaques uma carta e três bilhetes: a carta é datada de 12 de abril de 1894, enviada pelo comandante da Brigada Policial da Capital Federal (que corresponderia mais ou menos à Polícia Federal), onde o chefe da Brigada, Sylvestre Rossi, denuncia que outro jornal, *O Paiz*, ‘forjou criminosamente’ uma ordem do dia atribuindo ao seu comando. Ele pedia que o jornal ‘Cidade do Rio’ divulgasse este ato calunioso. Era o início do governo de Prudente de Moraes, primeiro presidente civil da recente

Figura 6. Carta de Patrocínio ao amigo Sérgio Cardozo, de 7 de outubro de 1897.



república. Fica claro que o jornal de Patrocínio continuava contra o florianismo, movimento de base militar contrário ao poder civil, que tem raízes até hoje na mentalidade política do país.

Os três bilhetes selecionados são de Patrocínio. No primeiro, ele pede para o jornal noticiar que ele está doente e seu médico era o Dr. Campo da Paz. Ele solicita ao amigo que peça desculpas aos atores que encenaram a peça teatral de sua autoria, ‘Mota Coqueiro’, pela sua ausência por motivo de doença. No final, ele demonstra a sua amizade e confiança com o secretário de redação: “Aí vai a notícia do guarani. *Corrige e aumenta*. Tomei novo purgante. A febre passou. As dores continuam. Patrocínio”(grifo nosso). O segundo destaque era um bilhete que estava escrito num retrato de Patrocínio, onde se lê: “ao meu querido Amigo, ao mais leal e ao mais dedicado dos meus irmãos em sacrifício na ‘Cidade do Rio’, ao Sérgio Cardozo, grande pelo coração e pelo talento – José do Patrocínio”⁽³³⁾ (p. 4).

O último escrito destacado, não menos importante pelo valor histórico, reflete o contexto político conturbado dos primeiros anos da República, no final do século XIX. Era uma correspondência, na qual Patrocínio registrava como ‘Reservada’ e dizia: “Manda tarjar toda a primeira página. Ficou em cima de minha mesa, em nota, as providências que o governo vem tomando. Se tu não poderes decifra-las, mandamas para que as organize. É preciso dar notícias dos discursos. Falamos Nei [Paula Nei] e eu na ‘Cidade’. Guanabara [o jornalista Alcindo Guanabara], Belisário [o médico Belisário Pena] e Frederico Borges no ‘República’. (...) Dando notícias dos acontecimentos, limita a cousa à simples narração, nada de comentários. Se não houver grande movimentação nas

^e Sua esposa Elisa, costureirinha do interior baiano, ele conheceu num dos comícios feito em prol da abolição⁽²⁸⁾. O levantamento da descendência de José Joaquim Cardozo, pai de Sérgio, registra a data de nascimento de Elizete, 4 de outubro de 1889, mas não diz a data de Elderico⁽²⁶⁾.

ruas, manda-me dizer para que eu vá até lá para vermos o que há feito o que se deve aumentar ou cortar. Vai um artigo de Barros Barreto. Não o publiques. Rio, 7-3-1897. Patrocínio”⁽³³⁾ (p. 5).

Era o cenário da ‘Guerra de Canudos’. Mais precisamente, o exército sob o comando do coronel Antônio Moreira César foi derrotado pelos sertanejos de Antônio Conselheiro, tendo o coronel morrido no dia 3 de março de 1897. Ao chegar as primeiras notícias daquele desenlace em 7 de março, o dia exato do bilhete de Patrocínio, o florianismo explorou o episódio, divulgando que a república estava em perigo, tendo sido os monarquistas que armaram os sertanejos de Antônio Conselheiro. Jornais considerados simpatizantes da Monarquia foram atacados e depredados. Houve tumulto nas ruas, tendo aparecido os batalhões patrióticos, milícias fardadas que clamavam por uma solução imediata, isto é, armada⁽³¹⁾. No dia seguinte, ao compreender o risco de perder do poder civil no Brasil, Prudente de Moraes, que estava licenciado por motivos de saúde (convalescente de uma cirurgia que extraiu cálculos na bexiga), reassumiu a Presidência. Ele contrariava o desejo de seu vice, o baiano, ex-aluno e professor da FMB, Manoel Vitorino, que queria transformar a interinidade em permanência, com apoio dos jacobinos florianistas⁽³³⁾.

Nesse clima patriótico, Sérgio Cardozo não se omitiu. Escreveu ao governador Luís Viana, da Bahia, se oferecendo para lutar pela legalidade e pela república. Por intermédio de seu auxiliar, Arlindo Fragoso, que era amigo e primo de Cardozo, o governador agradeceu os serviços, mas recusou, salientando que ele prestaria melhores serviços à Bahia com sua atuação na imprensa do Rio⁽³³⁾.

Ainda bem que Cardozo não participou. Esse acontecimento histórico, o fenômeno social - político, econômico e cultural - de Canudos deveria ter sido estudado por cientistas sociais, mas foi transformado em uma guerra civil. Euclides da Cunha deu um testemunho valioso: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (*apud* Bueno⁽³⁾, p. 260; Silva & Carneiro⁽³¹⁾, p. 58).

No início do novo século, em 1902, o jornal foi definitivamente fechado, por falência. Patrocínio, num ostracismo político, contraiu uma enorme dívida e, de modo surpreendente, dedicou-se a um projeto delirante: construir um dirigível enorme, o “Santa Cruz”. Bem, essa nave jamais saiu do chão. Ele foi enterrado em 1905, desamparado e imerso em dívidas.

No momento em que Patrocínio se voltou quase exclusivamente ao dirigível, Sérgio Cardozo resolveu retornar à Bahia. Conforme manuscrito de sua vida jornalística (acervo de ECB), ele escreveu que chegou à Bahia em 15 de outubro de 1900 e logo, em 28 daquele mês, passou a trabalhar como chefe de redação de *O Propulsor* do município de Feira de Santana. Ele também retomou uma antiga paixão, a Medicina, como será visto mais adiante.

Encontra-se nas correspondências citadas e reproduzidas pelos jornais, uma resolução do Presidente Rodrigues Alves, datada de 22 de maio de 1905, que, através de seu ministro do Interior e Justiça, o baiano José Joaquim Seabra, nomeava Sérgio Cardozo terceiro suplente para Juiz federal do município de Santo Amaro⁽¹²⁾ (p. 17), no distrito de Berimbau, o atual município de Conceição de Jacuípe.

Cruz Rios⁽¹¹⁾ afirma que Cardozo foi Oficial do registro civil e escrivão de cartório, antes de ser nomeado juiz, sendo sua indicação feita por Ruy Barbosa. Embora não fosse formado em Direito, esse republicano assumiu suas funções, inclusive as novas de um Estado que, formalmente, se separou Igreja. De sua inserção no mundo jurídico, comprovado tem-se a resolução assinada por J. J. Seabra o nomeando juiz em 1905 (**Figura 7**).

Figura 7. O Presidente da República, através de seu Ministro da Justiça e Negócios Interiores, J.J. Seabra resolve nomear Sérgio Cardozo para o lugar de terceiro suplente de Juiz federal no município de Santo Amaro na secção da Bahia. O documento assinado no Rio de Janeiro é de 22 de maio de 1905.



O Escritor e Desenhista

Antes da descrição e análise desse período em sua terra natal, vale registrar também uma outra faceta que ele desenvolveu concomitante com o jornalismo. O ex-acadêmico de medicina Cardozo cultivou a escrita literária, produzindo vários textos em prosa. Os romances ‘A Escrava Branca’, em 1882, ‘O Pacto Infernal’, em 1883, e ‘Pacto de Sangue’, em folhetim na *Gazeta da Tarde* baiana; ‘Os deserdados sociais’, de 1896, e ‘Lélia’, de 1898, em folhetim no jornal *Cidade do Rio*. Os contos ‘Contos Indígenas’, de 1891, e ‘A Tapera Maldita’, escrita na Fazenda Salgado, em 1904 e publicada em 1908⁽¹⁶⁹¹²⁾. Ele escreveu ainda uma novela, ‘As três noivas de Cordélia’⁽³³⁾, a obra ‘Os mistério da Bahia’ e um livro de memória histórica para sua terra natal: ‘Santo Amaro: Memória histórica e descritiva do Município’⁽⁵⁾, publicação que se encontra no NICSA (Núcleo de Incentivo Cultura de Santo Amaro).

No prefácio de “Contos Indígenas”, de 1891, há um trecho no qual Cardozo manifestou sua insatisfação com o estrangeirismo, que, segundo ele, ameaçava as nossas manifestações culturais, sobretudo populares:

“Quando outro valor não tenha a presente obra, servirá ao menos de protesto ao estrangeirismo que nos invade avassalando tudo, matando os nossos usos, atrofiando os nossos costumes, fazendo esquecer as nossas tradições populares, servirá de estímulo a outras inteligências mais esclarecidas para continuar a obra de Alencar e Gonçalves Dias” (apud *Jornalista*⁽²⁰⁾, p. 9).

No acervo de ECB, constatamos que esta obra mereceu referências elogiosas em *O Mequetrefe*, *O Combate*, ambos do Rio, e do *Jornal de Notícias* de Salvador. No primeiro jornal citado, é destacado que o assunto em todos os contos era a vida sertaneja e Cardozo dizia a coisa como ela era, de modo direto e claro.

Entre os inúmeros talentos de Sérgio Cardozo constata-se também a sua habilidade para com o desenho em bico de pena. Quando esteve em Vitória do Espírito Santo, em dezembro de 1896, ele desenhou a vista parcial da cidade. Na hemerografia consultada, há reprodução de inúmeros desenhos. Nota-se uma predileção por desenhar igrejas: a igreja de Bom Jesus de Vila Rica, em junho de 1900; as ruínas da Igreja Matriz de Itapicuru, em julho de 1900; e a Capela das Pedras, em junho de 1901⁽¹²⁾. Todas citadas ficavam no interior da Bahia.

O Retorno de Sérgio Cardozo a Santo Amaro e Berimbau

Ao se fixar em Berimbau, distrito de Santo Amaro, para exercer sua atividade como juiz federal, Sérgio Cardozo retomou duas vocações: a de profissional de saúde e a de jornalista. Abriu uma botica e exerceu a medicina prática, na época tolerada socialmente, sobretudo em áreas como aquela, pois os Conselhos de Medicina, Federal e Estaduais, só se formalizaram e baniram a prática sem diploma a partir de meados do século XX⁽⁸⁾.

Sua sensibilidade para com os doentes pode ser melhor compreendida pela experiência que passou quando criança. Uma infecção no olho, por uma troca de medicamento, resultou na extração de seu olho esquerdo, que foi substituído por uma prótese de vidro. Em sua farmácia, ele medicava os humildes, atendendo-os gratuitamente pela manhã, pois, pela tarde, ele passava no fórum, na sua função de juiz^(26 28). Há um relato de sua dedicação no combate local a epidemia de cólera, que grassou no estado em 1912⁽²⁸⁾, no entanto, em sua *Memória Histórica* de Santo Amaro, Cardozo⁽⁵⁾ destacou a atuação de seu genro, Dr. Alípio Maia Gomes, marido de Elizete, no combate a essa epidemia, principalmente nos distritos de Bom Jardim, Lustosa e Oliveiros dos Campinhos.

Como jornalista, além de colaborar em jornais de Salvador, como o *Jornal de Notícias*⁽²⁰⁾, editou a partir de 1904, em Santo Amaro, um jornal, *O Prêlio* (que significa ‘luta, peleja, combate’), sendo, obviamente, seu redator-chefe⁽⁴⁾. Colaborou

também num jornal local que mexia com os figurões da época, *A Sineta*, que usava uma linguagem satírica⁽²⁵⁾.

Era um homem de fibra, querido por muitos, mas odiado por alguns. Há relato de um atentado que teria sofrido em 30 de dezembro de 1900. Quando sozinho fazia uma viagem, à noite, montado a cavalo, quando foi emboscado por dois homens. Mesmo ferido à bala, conseguiu chegar em casa⁽²⁰⁾.

Um testemunho o descreve já maduro, senhor de meia-idade, vivendo no campo, com a lembrança dele quando andava montado num burro corpulento e fofoso, que realçava seu vulto estranho de cavaleiro errante, um dom Quixote no massapê: “Alto e magro, nariz aquilino, um lenço vermelho estrangulado por um grosso anel de ouro, de vidro o olho esquerdo”⁽²⁵⁾ (p. 4) (**Figura 8**).

Figura 8. Sérgio Cardozo (1858-1933). O Dom Quixote de Berimbau.



Nestor Oliveira, cujo pai era amigo de Cardozo, conta um episódio que demonstra o mesmo destemor que havia no abolicionista e republicano. Quando, ao receber a notícia de que um dos seus empregados de confiança fora indevidamente preso por uma autoridade de São Bento do Inhatá, hoje pertencente ao município de Amélia Rodrigues, montou em seu burro *Furacão*, e armado foi resgatá-lo como fazia nos tempos da escravidão. “Encontrou-o no caminho, contudo só arrefeceu a raiva depois de desafiar o subdelegado, tido à conta de truculento, à vista dos praças do destacamento, num movimentado dia de feira”⁽²⁵⁾ (p. 4).

Com 75 anos, Sérgio Cardozo faleceu em 4 de julho de 1933. Seus ossos foram colocados na capela que construiu em Berimbau, hoje, Igreja matriz de Conceição de Jacuípe. No ossuário tinha a seguinte inscrição: “Lembremos tuas glórias e seguiremos tuas virtudes”⁽¹²⁾.

Considerações Finais

O estudo acima permite concluir que o estudante de medicina, jornalista e juiz Sérgio Cardozo foi um dos mais destacados abolicionistas da Bahia, além de republicano

autêntico cuja atuação ultrapassou as fronteiras do Estado da Bahia. Em seu livro “Baianos ilustres”, editado pela primeira vez em 1949, o jornalista Loureiro de Souza disse: “Hoje, esquecido e ignorado, vale ressaltar, agora o seu nome, como um dos mais ilustres da Bahia, senão do Brasil”⁽³²⁾ (p. 201).

Guimarães Rosa, escritor e médico, quando estudante de medicina, ao falar no enterro de um colega da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, disse: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Ele voltaria a repetir este belo eufemismo e achado lingüístico na sua posse na Academia Brasileira de Letras. Houve esforços para manter a lembrança de Sérgio Cardozo, para ele ficar encantado. Seu nome foi dado ao fórum do município de Conceição do Jacuípe, nome atual de Berimbau, que tinha se emancipado de Santo Amaro em 1961, tendo o município se instalado em 1963^(1 26). Entre as homenagens que recebeu, uma tem grande valor simbólico. Foi o seu nome dado a uma pequena rua no bairro da Liberdade, de Salvador, por iniciativa da Associação Baiana de Imprensa, em 9 de setembro de 1934. Não poderia ter um local melhor para homenagear esse abolicionista de raiz e republicano convicto.

Outra iniciativa foi do médico e santamarense José Silveira, professor da FMB, através do Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro. O professor Silveira criou para homenagear o conterrâneo ilustre o troféu Sérgio Cardozo. É um prêmio o profissional do jornalismo que se destaque na área cultural. A entrega é feita no dia 7 de outubro, data de aniversário do patrono do troféu.

A FMB-UFBA e, em particular, os seus estudantes lembraram as glórias e o exemplo deste baiano ilustre e encantado, pois, o Diretório Acadêmico (DAMED) propôs e a Congregação aprovou o nome de “Espaço Cultural Acadêmico Sérgio Cardozo” no Pavilhão de Aulas do Canela, no dia do Sesquicentenário de nascimento de Sérgio Cardozo (7 de outubro de 2008).

Agradecimentos

Ao Prof. Fernando Martins Carvalho, Prof. Titular do Departamento de Medicina Preventiva e Social, santamarense de coração.

A Elisa Cardozo Brandão, bisneta de Sérgio Cardozo e guardiã de suas memórias.

Dedicatória (in memoriam)

Ao amigo Sérgio Cardozo Muricy, que, além do nome, tinha muitas das qualidades do bisavô.

Referências

- Baiano ajudou a acabar com a escravidão. A Tarde, Salvador, maio 7; p.7, 1996.
- Berbert JA. Sérgio Cardozo – Santamarense, herói na luta contra a escravidão. Santo Amaro-BA, NICSA, 1996 (mimeo).
- Bueno E. Brasil, uma história. 2ed.rev. São Paulo: Ática, 2003.
- Cardozo S. O Prêlio, Santo-Amaro-BA, setembro 23; v. 5,1908.
- Cardozo S. Santo Amaro: Memória histórica e descritiva do Município. Salvador-BA: Oficinas do Diário da Bahia, 1920.
- Cartório de Brotas há cartas de Patrocínio e outros inéditos, No. A Tarde, Salvador, janeiro 11; p.4-5, 1969.
- Carvalho JM. D. Pedro II. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.
- CFM – Conselho Federal de Medicina. CFM um pouco de história. Medicina Conselho Federal, v. 164, 2007.
- Chiachhio C. Sergio Cardoso – 1858-1933. (Homens & Obras). A Tarde, Salvador, maio 13; p.3, 1936.
- Conseglhere RI. Luís Gama. In: Jancsó, István. Rebeldes Brasileiros I. Coleções Caros Amigos. São Paulo: Casa Amarela, sd.
- Cruz Rios JA. Sergio Cardoso: Jornalista baiano da Abolição. A Tarde Cultural, Salvador, 24 de outubro; 1998.
- Desapareceram os ossos de Sérgio Cardozo. Tribuna da Bahia, Salvador, julho 1º; p.17, 1971.
- FMB-UFBA. Arquivo Geral da FMB. Caixa 326 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1876.
- FMB-UFBA. Arquivo Geral da FMB. Caixa 329 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1878.
- FMB-UFBA. Arquivo Geral da FMB. Caixa 330 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1879.
- FMB-UFBA. Arquivo Geral da FMB. Caixa 332 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1880.
- FMB-UFBA. Arquivo Geral da FMB. Actas da Congregação, 1865-1882.
- Guilhon OJF, Jacobina-Lacombe A. José do Patrocínio. São Paulo: Editora Três, 2001.
- Jacobina RR, Castellucci JG, Pinto E, Melo EMN. Os Acadêmicos de Medicina e os 200 anos da Faculdade de Medicina da Bahia (I): Da criação da Escola em 1808 à participação na Guerra do Paraguai (1864-70). Gazeta Médica da Bahia, 78:11-23, 2008.
- Jornalista, baiano, ele foi um homem de muitas lutas. Tribuna da Bahia, Salvador, novembro 20; p. 9, 1973.
- Lacombe LL. Prefácio e notas. In: Pedro II. Imperador do Brasil. Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas [Diário da viagem ao norte do Brasil]. Rio de Janeiro: Bom Tempo; Letras & Expressões, 2003.
- Magalhães-Júnior R. A vida turbulenta de José do Patrocínio. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1969.
- Nabuco J. Minha formação. São Paulo: Editora Martin Claret, 198p., 2005.
- Oliveira ES. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.
- Oliveira N. Aprendiz de Tipógrafo. A Tarde, Salvador, junho 8; p.4,1978.
- Pastora M. Reminiscências... 2 ed. Salvador, Editoração Avelino dias, 1999.
- Poerner AJ. O Poder Jovem: História da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- Santana A. Dom Quixote do recôncavo. Jornalista, juiz e médico, Sérgio Cardozo dava fuga a escravos e defendia publicamente a abolição. Memória. Correio da Bahia, Salvador, outubro 27, 2002.
- Santos PMA. Descendência de José Joaquim Cardozo. Salvador: Instituto Genealógico da Bahia. Biblioteca Genealógica Baiana, 2:1-4, 2002.
- Silva H, Carneiro MCR. História da República Brasileira. Vol. 1 - Nasce a República. São Paulo: Editora Três, 1975a.
- Silva H, Carneiro MCR. História da República Brasileira. Vol. 2 – O Poder Civil. São Paulo: Editora Três, 1975b.
- Souza AL. Baianos ilustres (1567-1925). 3 ed.rev. São Paulo: Ibrasa; Brasília: INL, 1979. (1 ed. Salvador: Editora Beneditina, 1949).
- Souza AL. Resumo biográfico de Sérgio Cardozo. A Tarde, Salvador, janeiro 11; p.4, 1969.